

CAMINHO

JOSEMARIA ESCRIVÁ

CAMINHO

15ª edição

Tradução
Alípio Maia de Castro



QUADRANTE

Título original
Camino

Copyright © 2026 by Fundación Studium

Com aprovação eclesialística

Capa: Gabriela Haeitmann

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Escrivá de Balaguer, Josemaria, 1902-1975

Camino / Josemaria Escrivá ; tradução Alípio Maia de Castro. – 15ª ed. –
São Paulo : Quadrante, 2026.

Tradução de: *Camino*

ISBN: 978-65-287-0160-5

1. Vida espiritual – Igreja Católica I. Título

CDD-248.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida espiritual : Cristianismo 248.4

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA

Rua Bernardo da Veiga, 47 | Tel.: 11 3873-2270

01252-020 - São Paulo - SP

www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

SUMÁRIO

7	<i>Introdução</i>
9	<i>O Autor</i>
19	<i>Prólogo do Autor</i>
21	Caráter
31	Direção espiritual
35	Oração
41	Santa pureza
47	Coração
53	Mortificação
59	Penitência
63	Exame de consciência
65	Propósitos
67	Escrúpulos
69	Presença de Deus
73	Vida sobrenatural
77	Mais sobre vida interior
81	Tibieza
83	Estudo
89	Formação
95	O plano da tua santidade
101	Amor de Deus
105	Caridade

111	Os meios
117	A Virgem Maria
121	A Igreja
123	Santa Missa
127	Comunhão dos Santos
129	Devoções
133	Fé
137	Humildade
141	Obediência
145	Pobreza
147	Discrição
151	Alegria
153	Outras virtudes
157	Tribulações
163	Luta interior
169	Novíssimos
173	A vontade de Deus
177	A glória de Deus
179	Proselitismo
183	Pequenas coisas
187	Tática
193	Infância espiritual
197	Vida de infância
203	Chamamento
209	O apóstolo
215	O apostolado
221	Perseverança
225	<i>Índice de textos da Sagrada Escritura</i>
229	<i>Índice por pontos de textos da Sagrada Escritura</i>
231	<i>Índice analítico</i>

INTRODUÇÃO

*A*ti, caro leitor, vão dirigidas estas linhas penetrantes, nestes pensamentos lacônicos; medita cada palavra e impregna-te do seu sentido.

Nestas páginas palpita o espírito de Deus. Por trás de cada uma das suas sentenças há um santo que vê a tua intenção e aguarda as tuas decisões. As frases ficam entrecortadas para que as completes com a tua conduta.

Não dês um passo atrás: a tua vida vai consistir em tornar doce o sofrimento. Para isso és discípulo do Mestre!

O maior inimigo és tu próprio, porque a tua carne é fraca e terrena e tu tens de ser forte e celestial. O centro de gravidade do teu corpo é o mundo; o teu centro de gravidade tem de ser o céu. O teu coração é todo de Deus e há de consagrar-Lhe inteiramente os seus afetos.

Leitor, não descanses; vigia sempre e está alerta, porque o inimigo não dorme. Se converteres estas máximas em vida própria, serás um imitador perfeito de Jesus Cristo e um homem sem mancha. E com cristos como tu a Espanha voltará à antiga grandeza dos seus santos, sábios e heróis.

Vitória, festividade de São José de 1939.

† Xavier, A. A. de Vitória

O AUTOR

São Josemaria Escrivá nasceu em Barbastro (Espanha), no dia 9 de janeiro de 1902. Em 1918 começou os estudos eclesiásticos no Seminário de Logroño, prosseguindo-os depois no de São Francisco de Paula, em Saragoça. Entre 1923 e 1927 estudou também Direito Civil na Universidade de Saragoça. Recebeu a ordenação sacerdotal em 25 de março de 1925. Iniciou o seu ministério sacerdotal na paróquia de Perdiguera, continuando-o depois em Saragoça.

Na primavera de 1927 mudou-se para Madri, onde realizou um infatigável trabalho sacerdotal em todos os ambientes, dedicando também a sua atenção aos pobres e desvalidos dos bairros mais distantes, especialmente doentes incuráveis e moribundos dos hospitais. Aceitou o cargo de capelão do Patronato dos Enfermos, trabalho assistencial das Damas Apostólicas do Sagrado Coração, e foi professor em uma academia universitária, enquanto fazia o doutorado em Direito Civil.

No dia 2 de outubro de 1928, o Senhor fez-lhe ver o Opus Dei (Obra de Deus). Em 14 de fevereiro de 1930 compreendeu – por inspiração divina – que devia estender o apostolado do Opus Dei também às mulheres. Abria-se assim na Igreja um caminho novo, destinado a promover entre pessoas de todas as classes sociais a procura da santidade e o exercício do apostolado, mediante a santificação do trabalho de cada dia no meio do mundo. No dia 14 de fevereiro de 1943, fundou a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz, inseparavelmente unida ao Opus Dei. Além de permitir a ordenação sacerdotal

de membros leigos do Opus Dei e a sua incardinação a serviço da Obra, a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz viria a permitir mais tarde que os sacerdotes incardinados nas dioceses pudessem participar do espírito e da ascética do Opus Dei, buscando a santidade no exercício dos seus deveres ministeriais, em dependência exclusiva do seu respectivo Bispo. O Opus Dei foi erigido em Prelazia pessoal por São João Paulo II no dia 28 de novembro de 1982: era a forma jurídica prevista e desejada por São Josemaria Escrivá.

Em 1946 Mons. Escrivá passou a residir em Roma, onde permaneceu até o fim da vida. Dali estimulou e orientou a difusão do Opus Dei por todo o mundo, dedicando-se a dar aos homens e mulheres da Obra e a muitas outras pessoas uma sólida formação doutrinal, ascética e apostólica. Por ocasião da sua morte, o Opus Dei contava mais de 60.000 membros de oitenta nacionalidades.

São Josemaria Escrivá faleceu em 26 de junho de 1975. Havia anos, oferecia a Deus a sua vida pela Igreja e pelo Papa. Seu corpo repousa no altar da igreja prelatícia de Santa Maria da Paz, na sede central da Prelazia do Opus Dei. A fama de santidade que Fundador do Opus Dei já tinha em vida foi-se estendendo após a sua morte por todos os cantos do mundo, como mostram os abundantes testemunhos de favores espirituais e materiais que se atribuem à sua intercessão, entre eles algumas curas medicamente inexplicáveis. São João Paulo II canonizou Josemaria Escrivá no dia 6 de outubro de 2002.

Entre seus escritos publicados, contam-se, além do estudo teológico-jurídico *La Abadesa de Las Huelgas*, livros de espiritualidade traduzidos para numerosas línguas: *Caminho*, *Santo Rosário*, *É Cristo que passa*, *Amigos de Deus*, *Via Sacra*, *Sulco*, *Forja* e *Em diálogo com o Senhor*. Sob o título *Entrevistas com Mons. Josemaria Escrivá* publicaram-se também algumas entrevistas que concedeu à imprensa. Uma ampla documentação sobre São Josemaria pode ser encontrada em www.escrivaworks.org.br, em www.opusdei.org e em www.josemariaescriva.info.

NOTA EDITORIAL

Confidência de amigo, de irmão, de pai... para que aflore algum pensamento que te fira; e assim melhores a tua vida e entres por caminhos de oração e de Amor (*Prólogo*). Com estas palavras, que nos dão a chave de toda a obra, o autor apresenta este livro, nascido para ensinar a viver dia após dia em união filial com Deus.

Caminho aparece pela primeira vez em 1934, com o título de *Considerações espirituais*; em 1939, data da segunda edição aumentada, recebe o nome atual e definitivo. Ao longo dos anos decorridos desde essas primeiras edições, milhões de pessoas, das mais diversas condições sociais, culturas e meios, encontraram nestas confidências de São Josemaria Escrivá luz e força para reconhecerem a Deus e darem sentido às suas vidas. A sucessão de edições em várias línguas, até atingirem uma tiragem total de milhões de exemplares, é um dos sinais mais claros da acolhida dispensada a este livro. Em breve tempo, Caminho converteu-se num clássico da literatura espiritual, numa “Imitação de Cristo dos tempos modernos”, como alguns o qualificaram.

Falar hoje de Caminho não tem, pois, por fim apresentar um livro já suficientemente conhecido por si, mas refletir sobre os motivos que explicam a sua difusão.

“Caminho manifesta o caráter eterno da Igreja, bem como as suas inesgotáveis possibilidades de renovação”: assim resumia um jornalista francês a impressão que lhe havia causado o livro (*Le Figaro*, 24-3-64). Tal é, precisamente, o

*principal valor de Caminho: a profundidade e vitalidade da sua mensagem, a proclamação de que a palavra de Cristo não é palavra morta, mas realidade capaz de transformar a existência de todo o homem que não lhe feche o coração. Caminho induz o leitor a encarar de uma maneira pessoal o Evangelho, revivendo a vida de Cristo: **Não compreendo que te digas cristão e tenhas essa vida de preguiçoso inútil. – Será que esqueces a vida de trabalho de Cristo? (n. 356); Oxalá fossem tais o teu porte e a tua conversação que todos pudessem dizer, ao ver-te ou ouvir-te falar: “Este lê a vida de Jesus Cristo” (n. 2).***

*O cristão deve viver seguindo os passos do Mestre (n. 213), assumindo com sentido de responsabilidade a missão divina que lhe é conferida pelo Batismo: “**Ide, pregai o Evangelho... Eu estarei convosco...**” – Isto disse Jesus... e disse-o a ti (n. 904).*

O autor de Caminho ensina que esse convite ou chamado não implica de per si uma solicitação a mudar de ambiente para se buscarem outros caminhos; mais ainda, para a maioria dos cristãos, é um convite para que enfrentem as condições habituais da existência e nelas encontrem um caminho divino que é preciso santificar:

*Daí que São Josemaria Escrivá denuncie a tentação de **mudar de lugar** (n. 832), porque equivale a separar-se da vontade de Deus. Cada cristão deve santificar-se segundo a sua própria missão e dentro do seu estado; e por isso o simples cristão que vive no seio da sociedade deve santificar-se e santificar os outros partindo dessa situação, santificando o trabalho profissional e toda a sua vida.*

*A existência humana fica assim enquadrada num ambiente teologal. O leitor toma consciência da presença de Deus e aprende a escutar a Sua voz, que fala através das pessoas e acontecimentos da sua vida diária. **Vivemos como se o Senhor estivesse lá longe, onde brilham as estrelas, e não consideramos que também está sempre ao nosso lado... Necessário é que nos embebamos, que nos saturemos de que Pai e muito Pai nosso é o Senhor que está junto de***

nós e nos Céus (n. 267). Disseste-me uma vez que parecias um relógio desregulado, que bate fora de horas: estás frio, seco e árido à hora da tua oração; e, pelo contrário, quando menos era de esperar, na rua, entre os afazeres de cada dia, no meio da balbúrdia e da gritaria da cidade, ou na quietude laboriosa do teu trabalho profissional, surpreendes-te orando... Fora de horas? Certo... Mas não desaproveites essas badaladas do teu relógio. – O Espírito sopra onde quer (n. 110). Cultiva o trato com o Espírito Santo – o Grande Desconhecido –, que é quem te há de santificar. Não esqueças de que és templo de Deus. – O Paráclito está no centro da tua alma: escuta-O e segue docilmente as suas inspirações (n. 57).

*Esta mensagem sobrenatural, este anúncio de Deus, acha-se em Caminho, não como uma simples verdade declamada, mas como expressão de uma vida intensamente vivida: em suas páginas, reflete-se uma atividade sacerdotal que São Josemaria Escrivá havia iniciado em 1925. Reflexões sobre passagens da Sagrada Escritura, trechos de conversas, experiências pessoais, fragmentos de cartas, são o material de que está feito o livro. Em maio de 1933, Josemaria Escrivá oferecia a um jovem estudante de arquitetura uma Vida de Cristo, e acrescentava umas palavras como dedicatória. Esse fato inspirou o ponto 382 de Caminho: **Ao oferecer-te aquela História de Jesus, pus como dedicatória: “Que procures Cristo. Que encontres Cristo. Que ames a Cristo”.** – São três etapas claríssimas. Tentaste, pelo menos, viver a primeira?*

Daí um dos principais atrativos desta obra: seu estilo coloquial e direto, seu caráter pessoal e profundamente humano. “Mons. Escrivá de Balaguer – comenta-se numa resenha do Osservatore Romano (24-3-50) – escreveu mais do que uma obra-prima; escreveu inspirando-se diretamente em seu coração, e ao coração chegam diretamente, um a um, os parágrafos que formam Caminho”.

Esta humanidade do livro não é uma característica acidental, mas faz parte da própria essência do espírito que o

anima. Tema central da mensagem espiritual de São Josemaria Escrivá é precisamente a afirmação de que as coisas humanas não são alheias à esfera divina: não é uma parte do homem, mas o homem inteiro que é amado e chamado por Deus, e por isso a atitude espiritual plenamente cristã pode descrever-se como uma unidade de vida.

Nos parágrafos anteriores, registramos alguns dos traços fundamentais de Caminho, que nos fazem entender o valor perene desta obra. Mas estes comentários ficariam incompletos se não puséssemos de relevo a importância histórica do livro e o rasto que deixou na história da Igreja.

*A partir de 1928, a atividade pastoral de São Josemaria Escrivá concretizava-se na fundação do Opus Dei, isto é, na tarefa de abrir um caminho de santidade laical no meio do mundo. Caminho acha-se, pois, intimamente unido à história da fundação do Opus Dei, embora não seja uma exposição do seu espírito nem uma obra dirigida apenas aos seus membros. É um convite dirigido a todos os homens de boa vontade para que participem da **loucura** de seguir a Cristo (cfr. n. 916).*

Entre as pessoas a que, durante aqueles anos, se dirigia preferentemente o apostolado de São Josemaria Escrivá, encontravam-se os habitantes dos bairros operários e os estudantes da Universidade de Madri. A estes últimos dedicou especialmente as Considerações espirituais que, como nos diz no Prólogo, foram escritas “tendo em vista as necessidades espirituais de jovens universitários dirigidos pelo autor”.

*Este fato dá-nos o contexto histórico de muitos pontos do livro, mas sobretudo situa-nos com toda a força ante um dos seus traços fundamentais, já comentado: é uma obra pensada de frente para o mundo, para os homens que queiram santificar-se nas lides e nos afazeres temporais, propondo-lhes uma doutrina aplicável a qualquer circunstância de idade, situação ou trabalho. **O que a ti te maravilha, a mim parece-me razoável. – Por que foi Deus procurar-te no exercício da tua profissão? Assim procurou os primeiros: Pedro, André, João e Tiago, junto às redes; Mateus, sentado à mesa dos impostos... (n. 799). Tens obrigação***

de santificar-te. – Tu também. – Alguém pensa, por acaso, que é tarefa exclusiva de sacerdotes e religiosos? A todos, sem exceção, disse o Senhor: “Sede perfeitos, como meu Pai Celestial é perfeito” (n. 291).

Nos anos em que apareceu o livro, essa pregação era não só inesperada, mas revolucionária. Nalguns, que pareciam haver perdido o contacto com o espírito renovador do Evangelho, suscitou surpresa e incompreensão; para muitíssimos mais, essa mesma surpresa se traduziu em alegria: as palavras de Caminho eram para eles uma revelação que os fazia ser mais conscientes da sua dignidade de cristãos e da missão divina que, como tais, tinham na sociedade. Caminho levou milhões de leitores a viver o que, com o correr dos anos, a Igreja proclamaria solenemente no Concílio Vaticano II: “Ainda que nem todos na Igreja sigam o mesmo caminho, todos estão chamados à santidade e alcançaram a mesma fé pela justiça de Deus (cfr. 2 Pe 1)... Dá-se uma verdadeira igualdade entre todos os fiéis no que se refere à dignidade e à ação comum para a edificação do Corpo de Cristo” (Const. Lumen Gentium, n. 32).

Na fisionomia atual do cristianismo, deixou amplo rastro a atividade de São Josemaria Escrivá e, em concreto, este livro em que se registram momentos transcendentais da sua vida.

Nascido de uma profunda experiência cristã, Caminho quer levar a amar a Deus e a viver de Deus. Por isso pressupõe no leitor o desejo do divino. Quem folheasse as suas páginas com outra intenção, desvirtuá-lo-ia, colocando-se num clima alheio ao espírito e à intenção do autor. Para tirar proveito de Caminho, requer-se um mínimo de fé na capacidade do homem para se aperceber da vida do espírito.

“Eu sou a luz do mundo; quem me segue não caminha nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8, 12). Os 999 pontos de Caminho foram escritos com o desejo de ajudar a ver essa luz, para que os caminhos da terra, caminhos comuns de todos os homens, sejam caminhos de santidade, abertos à esperança do Reino que “não é deste mundo” (Jo 18, 36). Quem o ler com esse mesmo interesse, não o abrirá em vão.

NOTA À 3ª EDIÇÃO ESPANHOLA

Esgotou-se em poucos meses a primeira edição deste livro. E, ao dá-lo à luz pela segunda vez, teve a mesma sorte. Está na imprensa a versão portuguesa e, de Roma, pedem-nos que se prepare quanto antes a edição italiana.

Temos dados consoladores – cartas de sacerdotes, de religiosos e principalmente de jovens – sobre o fruto sobrenatural que estas páginas produziram nas almas. Oxalá, leitor amigo, a sua leitura constante te sirva para dirigir e firmar o teu caminho.

Assim pede ao Senhor para ti,

O Autor

*Segóvia, na Exaltação da Santa Cruz,
14 de setembro de 1945.*

NOTA À 7ª EDIÇÃO ESPANHOLA

Pedem-me umas palavras que acompanhem a sétima edição espanhola de Caminho.

Só te quero dizer, amigo leitor, que ponhas em muitas mãos este livro, e assim contagiar-se-á a muitos corações a nossa divina loucura de privar com Cristo. E que peças ao Senhor e à sua bendita Mãe por mim: para que, em breve, tu e eu nos voltemos a encontrar noutra livro meu – Sulco –, que penso entregar-te dentro de poucos meses.

O Autor

*Roma, na festa da Imaculada Conceição,
8 de dezembro do Ano Santo de 1950.*

Lê devagar estes conselhos.

Medita pausadamente estas considerações.

São coisas que te digo ao ouvido,
em confidência de amigo, de irmão, de pai.

E estas confidências as escuta Deus.

Não te contarei nada de novo.

Vou revolver as tuas recordações,
para que aflore algum pensamento que te fira:
e assim melhores a tua vida,
e entres por caminhos de oração e de Amor.

E acabes por ser alma de critério.

CARÁTER

1 Que a tua vida não seja uma vida estéril. – Sê útil. – Deixa rasto. – Ilumina com o resplendor da tua fé e do teu amor.

Apaga, com a tua vida de apóstolo, o rasto viscoso e sujo que deixaram os semeadores impuros do ódio. – E incendeia todos os caminhos da terra com o fogo de Cristo que levas no coração.

2 Oxalá fossem tais o teu porte e a tua conversação que todos pudessem dizer, ao ver-te ou ouvir-te falar: “Este lê a vida de Jesus Cristo”.

3 Gravidade. – Deixa esses meneios e trejeitos de mulherzinha ou de moleque. – Que o teu porte exterior seja o reflexo da paz e da ordem do teu espírito.

4 Não digas: “Eu sou assim..., são coisas do meu carácter”. São coisas da tua falta de carácter. Sê homem – «esto vir».

5 Acostuma-te a dizer que não.

6 Vira as costas ao infame quando te sussurra ao ouvido: “Para que hás de complicar a vida?”

7 Não tenhas espírito de “caipira”. – Dilata o teu coração, até que seja universal, “católico”.

Não voes como ave de capoeira, quando podes subir como as águias.

8 Serenidade. – Por que te zangas, se zangando-te ofendes a Deus, incomodas os outros, passas tu mesmo um mau bocado... e, por fim, tens de acalmar-te?

9 Isso mesmo que disseste, dize-o noutro tom, sem ira, e ganhará força o teu raciocínio, e sobretudo não ofenderás a Deus.

10 Não repreendas quando sentes a indignação pela falta cometida. – Espera pelo dia seguinte, ou mais tempo ainda. – E depois, tranquilo e com a intenção purificada, não deixes de repreender.

– Conseguirás mais com uma palavra afetuosa do que com três horas de briga. – Modera o teu gênio.

11 Vontade. – Energia. – Exemplo. – O que é preciso fazer, faz-se... Sem hesitar... Sem contemplanções.

Sem isso, nem Cisneros teria sido Cisneros*, nem Teresa de Ahumada, Santa Teresa..., nem Iñigo de Loyola, Santo Inácio...

Deus e audácia! – «Regnare Christum volumus!»**

(*) Cardeal espanhol (1436-1517), Regente do trono de Espanha e confessor da Rainha Isabel, a Católica. Começou a reforma da Igreja na Espanha, antecipando-se à que seria iniciada, anos depois, pelo Concílio de Trento para toda a cristandade. Foram notórias a têmpera e a energia do seu caráter (N. do T.).

(**) “Queremos que Cristo reine!” (N. do T.).

12 Cresce perante os obstáculos. – A graça do Senhor não te há de faltar: «*Inter medium montium pertransibunt aquae!*»: – passarás através das montanhas!

Que importa que de momento tenhas de restringir a tua atividade, se em breve, como mola que foi comprimida, chegarás incomparavelmente mais longe do que nunca sonhaste?

13 Afasta de ti esses pensamentos inúteis que, pelo menos, te fazem perder o tempo.

14 Não percas as tuas energias e o teu tempo, que são de Deus, jogando pedras aos cachorros que te ladrem no caminho. Despreza-os.

15 Não deixes o teu trabalho para amanhã.

16 Perder-se na massa? Tu... da multidão?! Mas, se nasceste para líder!

– Entre nós, não há lugar para os tíbios. Humilha-te, e Cristo voltará a inflamar-te com fogos de Amor.

17 Não caias nessa doença do carácter que tem por sintomas a falta de firmeza para tudo, a leviandade no agir e no dizer, o estouvamento..., a frivolidade, numa palavra.

Essa frivolidade, que – não o esqueças – torna os teus planos de cada dia tão vazios (“tão cheios de vazio”), se não reages a tempo – não amanhã; agora! –, fará da tua vida um boneco de trapos morto e inútil.

18 Obstinas-te em ser mundano, frívolo e estouvado porque és covarde. Que é, senão covardia, esse não queres enfrentar-te a ti próprio?

19 Vontade. É uma característica muito importante. Não desprezes as pequenas coisas, porque, através do contínuo exercício de negar e te negares a ti próprio nessas coisas – que nunca são futilidades nem ninharias –, fortalecerás, virilizarás, com a graça de Deus, a tua vontade, para seres, em primeiro lugar, inteiro senhor de ti mesmo.

E depois, guia, chefe, líder! – que prendas, que empurres, que arrastes, com o teu exemplo e com a tua palavra e com a tua ciência e com o teu império.

20 Chocas com o caráter deste ou daquele... Tem de ser assim necessariamente; não és moeda de ouro que a todos agrade.

Além disso, sem esses choques que se produzem ao lidar com o próximo, como havias de perder as pontas, as arestas e saliências – imperfeições, defeitos – do teu temperamento, para adquirires a forma cinzelada, polida e energeticamente suave da caridade, da perfeição?

Se o teu caráter e o caráter dos que convivem contigo fossem adocicados e moles como gelatina, não te santificarias.

21 Pretextos. – Nunca te faltarão para deixares de cumprir os teus deveres. Que fartura de razões... sem razão!

Não pares a considerá-las. – Repele-as e cumpre a tua obrigação.

22 Sê enérgico. – Sê viril. – Sê homem. – E depois... sê anjo.

23 Dizes que... não podes fazer mais? – Não será que... não podes fazer menos?

24 Tens ambições: de saber..., de ser líder..., de ser audaz. Muito bem. Está certo. – Mas... por Cristo, por Amor.

25 Não discutais. – Da discussão não costuma sair a luz, porque é apagada pela paixão.

26 O Matrimônio é um sacramento santo. – A seu tempo, quando tiveres de recebê-lo, que o teu Diretor ou o teu confessor te aconselhem a leitura de algum livro útil. – E estarás mais bem preparado para levar dignamente as cargas do lar.

27 Estás rindo porque te digo que tens “vocaçãõ matrimonial”? – Pois é verdade: isso mesmo, vocaçãõ.

Pede a São Rafael que te conduza castamente ao termo do caminho, como a Tobias.

28 O matrimônio é para os soldados e não para o estado-maior de Cristo. – Ao passo que comer é uma exigência de cada indivíduo, procriar é apenas uma exigência da espécie, podendo dela desinteressar-se as pessoas individualmente.

Ânsia de filhos...? Filhos, muitos filhos, e um rasto indelével de luz deixaremos, se sacrificarmos o egoísmo da carne.

29 A relativa e pobre felicidade do egoísta, que se encerra na sua torre de marfim, na sua própria carcaça..., não é difícil de conseguir neste mundo. – Mas a felicidade do egoísta não é duradoura.

Será que queres perder, por essa caricatura do Céu, a felicidade da Glória, que não terá fim?

30 És calculista! – Não me digas que és jovem. A juventude dá tudo quanto pode; dá-se a si própria sem medida.

31 Egoísta! – Tu, sempre atrás das “tuas coisas”. – Pareces incapaz de sentir a fraternidade de Cristo: nos outros, não vês irmãos; vês “degraus”.

Pressinto o teu fracasso rotundo. – E, quando estiveres afundado, quererás que vivam contigo a caridade que agora não queres viver.

32 Tu não serás líder se na massa só vires o escabelo para empoleirar-te. – Tu serás líder se tiveres a ambição de salvar todas as almas.

Não podes viver de costas para a multidão. É preciso que tenhas ânsias de torná-la feliz.

33 Nunca queres “esgotar a verdade”. – Umás vezes, por correção. Outras – a maioria –, para não passares um mau bocado. Algumas, para evitá-lo aos outros. E, sempre, por covardia.

Assim, com esse medo de aprofundar, jamais serás homem de critério.

34 Não tenhas medo à verdade, ainda que a verdade te acarrete a morte.

35 Não gosto de tanto eufemismo: à covardia chamais prudência. – E a vossa “prudência” é ocasião para que os inimigos de Deus, com o cérebro vazio de ideias, tomem ares de sábios e ascendam a postos a que nunca deviam ascender.

36 Esse abuso não é irremediável. – É falta de caráter permitir que continue, como coisa desesperada e sem possível retificação.

Não te esquivas ao dever. – Cumpre-o em toda a linha, ainda que outros deixem de cumprí-lo.

37 Tens, como por aí se diz, “muita lábia”. – Mas, com todo o teu palavreado, não conseguirás que eu justifique (“foi providencial!”, disseste) o que não tem justificação.

38 Será verdade (não acredito, não acredito...) que na terra não há homens, mas “estômagos”?

39 “Peça que eu nunca queira deter-me no fácil”. – Já o pedi. Agora só falta que te empenhes em cumprir esse belo propósito.

40 Fé, alegria, otimismo. – Mas não a estupidez de fechar os olhos à realidade.

41 Que modo tão transcendental de viver bobagens vazias, e que maneira de chegar a ser alguém na vida – subindo, subindo – à força de “pesar pouco”, de não ter nada, nem no cérebro nem no coração!

42 Por que essas variações de caráter? Quando fixarás a tua vontade em alguma coisa?

– Larga esse teu gosto pelas primeiras pedras, e põe a última ao menos em um de teus projetos.

43 Não sejas tão... suscetível. – Magoas-te por qualquer coisinha. – Torna-se necessário medir as palavras para falar contigo do assunto mais insignificante.

Não te zangues se te digo que és... insuportável. – Enquanto não te corrigires, nunca serás útil.

44 Desculpa-te com a cortesia que a caridade cristã e a vida social exigem. – E, depois, para a frente! – com santa desvergonha, sem parar, até subires inteiramente a encosta do cumprimento do dever.

45 Por que te doem essas errôneas conjecturas que se fazem a teu respeito? – A mais baixo chegarias se Deus te abandonasse. – Persevera no bem, e encolhe os ombros.

46 Não achas que a igualdade, tal como a entendem, é sinônimo de injustiça?

47 Essa ênfase e esse ar emproado ficam-te mal; vê-se que são posições. – Procura, pelo menos, não os empregar com o teu Deus, nem com o teu Diretor, nem com os teus irmãos. E haverá uma barreira a menos entre ti e eles.

48 Pouco firme é o teu caráter: que ânsia de te meteres em tudo! – Obstinas-te em ser o sal de todos os pratos... e – não te zangues se te falo claramente – tens pouca graça para ser sal; e não és capaz de desfazer-te e passar despercebido à vista, como esse condimento.

Falta-te espírito de sacrifício. E sobra-te espírito de curiosidade e de exibição.

49 Cala-te. – Não sejas “meninão”, caricatura de criança, bisbilhoteiro, intriguista, linguarudo. – Com as tuas histórias e mexericos, esfriaste a caridade: fizeste a pior das obras. E... se por acaso abalaste – má língua! – os muros fortes da perseverança de outros, a tua perseverança deixa de ser graça de Deus, porque é instrumento traiçoeiro do inimigo.

50 És curioso e bisbilhoteiro, xereta e intrometido. Não tens vergonha de ser, até nos defeitos, tão pouco masculino? – Sê homem. E esses desejos de saber da vida dos outros, troca-os por desejos e realidades de conhecimento próprio.

51 Teu espírito varonil, retilíneo e simples, confrange-se ao sentir-se envolvido em enredos e mexericos, que não acaba de compreender e em que nunca se quis misturar. – Sofre a humilhação de andar assim em boca alheia e procura que essa dura experiência te dê mais discrição.

52 Por que razão, ao julgares os outros, pões na tua crítica o amargor dos teus próprios fracassos?

53 Esse espírito crítico (concedo-te que não é murmuração), não o deves exercer no teu apostolado, nem com teus irmãos. – Esse espírito crítico é, para o vosso empreendimento sobrenatural (perdoas-me que o diga?), um grande estorvo, porque, enquanto examinas – embora com elevada finalidade, acredito – o trabalho dos outros, sem teres nada a ver com isso, não fazes nenhuma obra positiva, e dificultas, com o teu exemplo de passividade, o bom andamento de todos.

“Então...” – perguntas, inquieto – “... esse espírito crítico, que é como que a substância do meu caráter...?”

Olha (vou tranquilizar-te): apanha uma caneta e um papel, escreve simples e confiadamente – ah!, e com brevidade – os motivos que te torturam, entrega a nota ao superior e não penses mais nela. – Ele, que é quem vos dirige (tem graça de estado), guardará a nota... ou a jogará no cesto dos papéis. – Para ti, como o teu espírito crítico não é murmuração, e só o exerces para fins elevados, tanto faz.

54 Contemporizar? É palavra que só se encontra (“é preciso contemporizar!”) no léxico dos que não têm vontade de lutar – comodistas, manhosos ou covardes –, porque de antemão se sabem vencidos.

55 Olha, meu filho: sê um pouco menos ingênuo (ainda que sejas muito criança, e mesmo por o seres diante de Deus), e não “ponhas na berlinda”, diante de estranhos, os teus irmãos.